

Sete estranhos. Uma missão. Horror infinito.



# OS SETE DO RIO VERMELHO

**ANTHONY RYAN**

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# OS SETE DO RIO VERMELHO

**ANTHONY RYAN**

*Tradução*

Isadora Prospero



**Planeta minotauro**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Anthony Ryan, 2023  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Copyright da tradução © Isadora Prospero, 2024  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Red River Seven*

*Preparação:* Bárbara Prince  
*Revisão:* Angélica Andrade e Renato Ritto  
*Projeto gráfico e diagramação:* Matheus Nagao  
*Capa:* Ellen Rockell – LBBG  
*Imagem de capa:* Shutterstock  
*Adaptação de capa:* Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação a Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, A. J.  
Os sete do rio vermelho / Anthony Ryan ; tradução de Isadora Prospero. -  
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.  
240 p.

ISBN 978-85-422-2706-2

Título original: Red River Seven

1. Ficção escocesa 2. Ficção científica I. Título II. Prospero, Isadora

24-3734

CDD E823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção escocesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos  
nos livros**

Este livro foi composto em Kings  
Caslon e Battery Park e impresso pela  
Gráfica Santa Marta para a Editora  
Planeta do Brasil em agosto de 2024.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 Planeta minotauro

Foi o grito, não o tiro, que o acordou. Não era um grito humano.

Ele sabia que houvera um tiro — o eco familiar se dissipava e zumbia em seus ouvidos enquanto ele erguia a cabeça, piscando os olhos, que ardiam como numa mistura de sal e garoa. O grito soou de novo enquanto ele mudava de posição para apertar os punhos contra o metal gelado e emborachado, empurrando uma superfície que subia e descia. Ele se virou com um espasmo na direção do berro, o som agudo e perfurante enviando uma pontada de dor através de seu crânio. Após ele piscar mais algumas vezes, a criatura que gritava entrou em foco, o que confirmou sua natureza inumana.

A gaivota virou a cabeça para ele, uma brisa cortante e incômoda bagunçando suas penas enquanto ela balançava no convés como se estivesse se preparando para alguma coisa. Ele se questionou se o animal pretendia voar contra ele — gaivotas podiam ser violentas —, mas ela só abriu o bico amarelo para grasnar mais uma vez antes de abrir um par impressionante de asas e lançar-se no ar. Seguindo a rota do voo, ele a viu deslizar rente à água cinza revolta antes de desaparecer na névoa.

— Mar... — A palavra arranhou sua língua seca antes de escapar dos lábios. — Estou no mar. — Sem nenhum motivo, isso lhe pareceu incrivelmente engraçado, então ele riu. A intensidade dessa reação o surpreendeu, as gargalhadas altas e sem fôlego fazendo-o cair mais uma vez no convés enquanto se retorcia. *Convés*, percebeu quando o riso esmoreceu. *Estou num barco ou navio*.

Seu impulso imediato foi se erguer novamente e analisar os arredores, mas de novo, por motivos desconhecidos, ele não fez isso. Por um minuto inteiro, permaneceu encolhido e imóvel no chão do convés, o rosto a meros centímetros do revestimento de borracha. O coração disparava enquanto ele tentava descobrir a causa da paralisia. *Estou com medo. Por quê?* O motivo lhe ocorreu com vergonhosa obviedade, e ele quase riu de novo. *O tiro, imbecil. Houve um tiro. Agora se levante antes que atirem de novo*.

Cerrando os dentes, ele empurrou o chão do convés e forçou-se a ficar de joelhos, girou a cabeça em busca de ameaças enquanto os olhos acompanhavam as ondas envoltas na névoa, o rastro branco sobre cinza deixado pelo barco e um bote inflável pequeno, coberto de lona, balançando um pouco em suas amarras. *Barquinho, barco*, pensou ele, e conteve outro ataque de risos. *Histeria*, corrigiu-se, puxando o ar profundamente.

O que viu ao virar para a direita afastou qualquer vestígio de humor.

O cadáver estava caído contra uma antepara, a tinta cinza-escura colorida pelo jorro vermelho e preto que muito recentemente emanara do crânio do morto. Ele usava um uniforme militar simples e botas, a jaqueta sem qualquer distintivo ou nome. A cabeça pendia para um lado, o rosto era desconhecido — mas, claro, a passagem de uma bala de debaixo do queixo até o topo do crânio altera bastante as feições de uma pessoa. Um braço estava flácido ao seu lado, o outro apoiado no colo, a mão apertando uma pistola.

— M18, Sig Sauer. — As palavras, pronunciadas suavemente, eram um reflexo de reconhecimento. Ele conhecia essa arma. Era uma pistola de serviço padrão do Exército dos Estados Unidos. Capacidade

de dezessete balas. Alcance eficaz de cinquenta metros. Porém, mais significativo no momento era perceber que, embora soubesse o nome da pistola, ele não sabia o próprio nome.

Um grunhido escapou dele, expressando uma confusão tão aguda que era quase dolorosa. Ele fechou os olhos, o coração batendo mais rápido que nunca. *Meu nome. Meu nome é... Qual é a porra do meu nome?!*

Nada lhe ocorreu. Só encontrou um vácuo silencioso. Como se estendesse a mão para uma caixa vazia.

*Contexto*, disse ele a si mesmo, enquanto o medo começava a ceder para o pânico. *Você bateu a cabeça. Sofreu um acidente ou algo assim. Isto é um sonho ou alucinação. Pense num contexto. Um lar. Um emprego. Depois vem o nome.*

Ele grunhiu com o esforço de se concentrar, lágrimas caindo dos olhos enquanto os apertava cada vez mais forte.

*Um lar.* Nada.

*Um emprego.* Nada.

*Amante, esposa.* Nada.

*Mãe, pai, irmã, irmão.* Nada.

A escuridão que via cintilou nas estrelas, mas ele se recusava a aderir a qualquer coisa familiar. Nenhum rosto e certamente nenhum nome.

*Lugares*, pensou ele, dominado por um tremor febril. *Nomeie um lugar. Qualquer lugar... Poughkeepsie. Que caralhos? Por que Poughkeepsie?* Será que ele conhecia Poughkeepsie? Seria ele de Poughkeepsie?

Não. Era de um filme. Algo dito por Gene Hackman em um filme. Aquele com a grande perseguição de carros sob o El... *Operação França. Consigo me lembrar de citações de filme, mas não do meu próprio nome?*

Ele levou as mãos à cabeça, batendo nela com um encorajamento punitivo, então parou quando sentiu o cabelo curto que cobria seu couro cabeludo. *Raspado*, percebeu, os dedos apalpando a pele, úmida após um borrifo de água marinha. *Raspado rente...* Os dedos pararam quando encontraram uma interrupção na textura espetada, algo elevado que ia de cima do olho esquerdo até o topo da cabeça. *Cicatriz.*

Hipóteses de acidentes e ferimentos surgiram outra vez, mas se interromperam quando ele notou uma regularidade na cicatriz, cuja linha reta tornava sua natureza clara. *Cirurgia. Alguém abriu minha cabeça.* Ele não conseguiu detectar pontos, o que significava que a incisão tinha sarado. Mas a protuberância elevada e inchada da ferida, por mais caprichada que fosse, o forçava a concluir que o que tinha acontecido fora feito há pouco tempo.

*Operado, depois enfiado num barco com um homem morto.* Seus olhos voltaram-se ao cadáver de novo, demorando-se com morbidez automática na mancha de matéria vermelha e preta na antepara antes de passar para a pistola. *Mas não estava morto até alguns minutos atrás.* Além disso, ele viu, quando se aproximou aos pouquinhos, lutando contra a náusea e uma aversão instintiva a coisas mortas, que o desconhecido suicida com uniforme militar e arma de serviço tinha a cabeça raspada. Uma inspeção mais atenta das porções intactas do crânio mostrou uma cicatriz lívida que ele presumiu ser idêntica à sua.

Quando recuou, notou outra coisa. Depois de atirar em si mesmo, o pulso do morto tinha caído no colo de tal modo que descobriu a parte de baixo do antebraço, e a manga puxada revelava parte de uma tatuagem. Estender a mão para tomar a pistola foi uma ação surpreendentemente rápida e resoluto, e também o modo como ele acionou a trava de segurança e enfiou a arma na cintura do próprio uniforme.

*Memória muscular,* refletiu, tomando o pulso do cadáver e empurrando a manga para ver a tatuagem inteira. Consistia em uma única palavra, um nome, gravado na pele em letras precisas e nítidas sem qualquer ornamento: CONRAD.

Ele esperou que o nome disparasse alguma lembrança, agitasse sua memória, fizesse brilhar uma luz, mas novamente só encontrou a caixa vazia.

— Cicatriz — refletiu em voz alta. — Cabeça raspada, roupas. O que mais temos em comum, colega?

Os botões da própria jaqueta estavam fechados, e ele demonstrou uma falta de jeito consideravelmente maior ao abri-los do que fizera

ao tomar a pistola do morto — de Conrad. *Você não quer saber o próprio nome?* Ele mordeu a boca para não rir de novo, forçando os movimentos a serem precisos até os botões se soltarem, e puxou as mangas para cima. Também havia uma tatuagem em seu braço direito, na mesma tipografia, com um nome diferente: HUXLEY.

— Huxley. — Ele falou baixinho a princípio, só um sussurro que mal alcançou os ouvidos, e repetiu mais alto quando a caixa vazia foi novamente sua única recompensa. — Huxley. — Nada. — Huxley! — Nada. — HUXLEY!

A palavra saiu mais como um rosnado furioso do que um grito, sem agitar nenhum vestígio de memória, mas provocando uma reação — só que não dele. O barulho veio de dentro da escotilha aberta à direita do corpo de Conrad, um orifício sombrio em que a mente sobrecarregada dele não tinha se dado ao trabalho de reparar até o momento. Os sons eram abafados e difíceis de identificar, talvez uma breve movimentação seguida por uma curta exalação, mas ele não tinha certeza. O que era certo era que ele e o pobre Conrad não estavam sozinhos naquele barco.

*Esconda-se!* O impulso foi instintivo, automático. Algo que um criminoso pensaria, talvez? Ou só alguém bem sintonizado com as incertezas de uma situação de sobrevivência, porque não havia dúvidas de que era isso que ele estava vivendo. *Sério?*, perguntou a si mesmo. *Tem algum exemplo que queira compartilhar, Huxley? Alguma experiência relevante com certeza seria útil nesta conjuntura em particular.*

Huxley, porém, só pôde se oferecer outra caixa vazia.

*Não vou me esconder.* O que ele podia ver da embarcação deixava bem óbvio que não era um barco grande, e isso significava que havia poucos lugares onde se esconder. Além disso, quem quer que esperasse naquela escotilha talvez soubesse quem ele era. Ele levou a mão em direção às costas, mas puxou-a de volta antes de agarrar a pistola. Apontar uma arma para as pessoas era um jeito ruim de fazer amigos.

— Oi! — gritou ele para dentro da escotilha, um cumprimento trêmulo e rouco que certamente não passou uma impressão forte. Ele tossiu



e tentou de novo, erguendo as duas mãos e entrando na cabine. — Vou entrar, ok? Não estou armado nem nada. Só queria dizer...

A mulher se ergueu de trás de um par de assentos acolchoados, uma pistola Sig Sauer apertada nas duas mãos, o cano um círculo preto, o que significava que estava mirando bem no rosto dele.

— ... oi — terminou ele, os lábios se retorcendo num sorriso fraco.

A mulher o encarou em silêncio por tempo suficiente para que ele aborvesse alguns fatos evidentes. Um: ela tinha a cabeça raspada e uma cicatriz, assim como ele e Conrad. Dois: ela usava um uniforme sem distintivos, assim como ele e Conrad. Três: pelo jeito como sua mão tremia e suas narinas se inflaram enquanto ela puxava o ar depressa, dominada pela adrenalina, ela estava aterrorizada e reunia coragem para matá-lo.

Como exatamente encontrou a coisa certa para dizer no momento, ele não sabia, mas as palavras saíram fáceis e calmas de sua boca, livres de ameaça ou súplica ou qualquer coisa que pudesse levá-la a apertar o gatilho em pânico.

— Você não sabe seu nome, sabe? — perguntou ele.

Ela franziu a testa. A combinação da roupa militar e da cabeça raspada tornava difícil adivinhar sua idade. Trinta, talvez mais velha? Ele via principalmente medo em seu rosto, mas também uma inteligência afiada nos olhos, que entretanto não parou o tremor preocupante da arma.

— Qual é o *seu* nome? — perguntou ela, com um sotaque americano, costa leste. Boston, talvez. Como ele sabia disso?

— Não faço ideia — respondeu ele, virando o braço erguido para mostrar a tatuagem. — Mas acho que você pode me chamar de Huxley. Como eu chamo você?

Ela franziu a testa ainda mais, outra onda de temor fazendo suas feições se contraírem antes que ela estremecesse, forçando-se a se controlar.

— Fique aqui — disse ela, dando um passo lento para trás, seguido por mais dois. Enquanto isso, ele permitiu que seus olhos perambulassem pela cabine. Era pura funcionalidade militar, sem adornos. Cabos revestidos cobriam as paredes e saíam no convés. Outra escotilha à direita tinha uma

escada que levava para baixo. Atrás da mulher com a pistola, o convés se erguia alguns centímetros e havia um trio de assentos acolchoados vazios diante de um tipo de painel de controle equipado com um conjunto de monitores e botões, mas sem volante. *Leme*, ele se corrigiu. *O volante de um barco chama-se leme. Você não sabe de nada?* Os monitores eram telas planas e modernas protegidas por plástico reforçado, pretos e desligados, apesar de ser óbvio que o barco estava em movimento e, até onde ele podia ver, sob controle. Além do painel de controle, três janelas inclinadas mostravam um céu cinza e um mar oscilante e enevoado.

— Ouvei um tiro — disse a mulher, fazendo-o se concentrar nela outra vez. Ainda apontava a pistola para ele, o braço estendido enquanto abria os botões da manga.

— Tem outra pessoa lá fora. — Ele apontou a cabeça por cima do ombro. — Morto. Parece que atirou em si mesmo. Se chama Conrad, pelo menos de acordo com a tatuagem.

Rolando a manga até o cotovelo, ela olhou para o nome revelado e então mudou a arma de mão para mostrar a ele: RHYS.

— Você conhece esse nome? — perguntou ela, a voz tingida com uma acusação desolada que indicava que ela já sabia a resposta.

— Não mais do que conheço este. — Ele ergueu a própria marca outra vez. — Ou Conrad. Desculpe, moça. Você é uma estranha para mim, assim como eu sou pra você e, por sinal, para mim mesmo. Cá estamos, dois amnésicos num barco. Talvez apontar armas um pro outro não seja uma ideia tão boa se quisermos descobrir o que está acontecendo.

— Como eu vou saber que esse Conrad atirou em si mesmo? — perguntou ela, os olhos afiados reluzindo.

— Não vai. Assim como eu não sei se você atirou nele e fez parecer suicídio. Eu não vi acontecer, afinal.

Ele viu os olhos dela passarem à sua cicatriz, sua mão livre movendo-se para explorar a própria.

— Cirurgia, certo? — disse ele. — Parece que alguém ficou fucando aqui em cima.

A mão com a arma se abaixou lentamente enquanto ela continuava apalpando a cicatriz.

— Menos de um mês atrás — disse ela, dando meio passo para a frente e apertando os olhos para a cicatriz dele. — O mesmo pra você. Julgando pela cicatrização.

— Você entende dessas coisas? É médica? Cirurgiã?

A confusão tomou o rosto dela conforme o medo retornava, a resposta emergindo como um murmúrio desesperado.

— Eu não sei.

Ele começou a formular outra pergunta, algo com a intenção de desencavar conhecimentos médicos, mas um grito alto e furioso vindo da direção da escada o fez levar a mão à pistola de Conrad.

— Não! — Rhys ergueu a própria arma de novo, as duas mãos no cabo, o dedo apoiado no protetor de gatilho. Uma empunhadura experiente que, ele notou, espelhava a sua.

— Relaxe, moça — disse ele.

— Não me chame assim! — O dedo dela estremeceu. — Eu odeio, porra!

— Como você sabe que odeia?

Ela hesitou, cerrando a mandíbula e rangendo os dentes. *Enfiando a mão na própria caixa vazia*, concluiu ele, e decidiu que seria melhor não permitir que ela refletisse por muito tempo.

— Parece que temos companhia. — Ele apontou para a escada. — Talvez seja melhor nos apresentarmos.

Ela se encolheu quando outras vozes soaram lá de baixo, mais altas que antes, sobrepondo-se em uma algazarra confusa.

— Você primeiro — disse ela, abaixando a pistola, mas não completamente dessa vez.

A escada era íngreme e claramente projetada para ser descida encarrando os degraus, algo que ele não estava preparado para fazer. Com a mão agarrando um dos lados, ele apoiou os calcanhares cuidadosamente em cada degrau enquanto descia, notando pela primeira vez que usava

um par de botas de combate levemente arranhadas. Sentiu um impulso agudo de sacar a pistola, mas resistiu devido à mulher assustada às suas costas. Se alguém na cabine abaixo sentisse a necessidade de atirar nele, Huxley não teria muito a fazer quanto a isso. Felizmente, ele os encontrou ocupados com outra coisa.

— Fale! — grunhia um homem alto, com um braço musculoso ao redor do pescoço de um sujeito consideravelmente menor. O homem alto segurava uma arma Sig Sauer contra a têmpora do mais baixo, pressionando a boca do cano com força contra a pele dele. Não foi surpreendente ver que ambos tinham a cabeça raspada e cicatrizes de cirurgia. Assim como as duas mulheres encostadas em um par de beliches, ambas rígidas e indecisas. — Me diga quem você é! — O homem mais alto apertou mais a pistola, tirando um arquejo assustado da vítima.

— Ele não sabe.

Todos os olhos se viraram para Huxley, já na metade da escada. As duas mulheres recuaram enquanto o homem alto, previsivelmente, encontrou um novo alvo.

— Quem é você, caralho? — Sotaque britânico, forte e nítido. Um par de olhos duros cintilava acima da mira da pistola; nem a voz nem a arma demonstravam o tremor incerto de Rhys.

Huxley riu, o humor resistindo enquanto descia o resto da escada. Havia uma mesa baixa no pequeno corredor entre os beliches e ele jogou a própria arma nela, apoiando as mãos nas beiradas e apertando com força até conseguir parar de rir.

— Senhoras e senhores — disse ele, endireitando-se e erguendo as mãos. — Bem-vindos ao novo Especial de Sábado à Noite: *Quem é você, caralho?* Eu sou seu anfitrião, Huxley. — Ele virou o braço para mostrar a tatuagem. — Aparentemente. Esta noite nossos participantes vão competir pelo prêmio de um milhão de dólares se puderem responder a uma única pergunta simples. Vocês conseguem adivinhar qual é?

Ele fitou o homem alto em silêncio, vendo as feições se contraírem e estremecerem com a mesma confusão profunda e agonizada que

todos ali compartilhavam. Grunhindo, o homem alto soltou o outro e o empurrou para longe.

— Ele tentou pegar minha arma — resmungou.

— Pareceu uma precaução sensata. — O homem mais baixo falava com um leve sotaque que apontava origens europeias, mas que havia sido engolido em grande parte pelo inglês fluente para ser identificável. — Sendo que você é o maior entre nós. — Ele correu a mão hesitantemente pela cabeça antes de abrir os botões da manga direita. Enrolando-a, revelou um antebraço esguio e um nome inscrito: GOLDING.

— Plath — disse uma das mulheres, mostrando o próprio braço. Para Huxley, ela parecia a mais jovem do grupo, mas não muito. Perto dos trinta anos, no mínimo.

— Dickinson — disse a outra mulher. Era a mais velha do grupo, mas esguia, toda músculos de crossfit e faces angulares.

— Que tripulação literária nós somos — disse o homem alto, estendendo o próprio braço para revelar o nome PYNCHON.

— Escritores? — perguntou Golding, semicerrando os olhos para a própria tatuagem.

— É. — Pynchon traçou um dedo sobre as letras gravadas na pele. — *O leilão do lote 49* é um ótimo livro. Eu sei disso do mesmo jeito que sei que o céu é azul e a água é molhada. Mas não sei dizer onde ou quando o li.

— Me faz pensar no que mais a gente sabe — disse Huxley. Ele olhou para a pistola na mesa, lembrando da facilidade com que recitara seu nome e especificações. Esforçou-se para pensar em outro exemplo, mas Rhys falou primeiro.

— A capacidade do pulmão do homem adulto médio é seis litros. — Ela se moveu até o lado de Huxley. Qualquer senso de camaradagem que o gesto pudesse ter transmitido foi dissipado pela tensão com que ela cruzou os braços, os músculos se flexionando e as veias nítidas sob a pele. Como Dickinson, ela tinha músculos de academia, mas não era muito trincada: era resultado de um trabalho de meses, não de anos. — Algo que eu só... sei — disse ela, os olhos percorrendo o grupo.

— Em condições árticas, um ser humano requer mais de 3.600 calorias por dia — afirmou Dickinson. — A altura do Matterhorn é 4.478 metros.

Golding falou em seguida, irritando Huxley com a cadência ainda irreconhecível da voz:

— Benjamin Harrison foi o 23º presidente dos Estados Unidos.

— E o 34º? — perguntou Huxley.

— Dwight D. Eisenhower.

— E o 45º? — perguntou Plath.

Golding fez uma careta enojada.

— Não acho que devo mencionar em companhia educada.

Pynchon bufou e olhou ao redor da cabine, os olhos se demorando em vários detalhes enquanto falava.

— Este é um barco-patrolha Mark VI da Marinha dos Estados Unidos, classe Wright. Tem um sistema de propulsão a jato impulsionado por motores a diesel gêmeos de 5.200 cavalos. Velocidade máxima de 45 nós. Raio de ação máximo de 750 milhas náuticas.

— O que nos leva à questão — disse Plath, olhando para o teto — de quem está pilotando.

— Ninguém — disse Huxley. — Não há... leme. Mas definitivamente estamos em rota para algum lugar.

— Então onde estamos?

— No meio do oceano. — Huxley deu de ombros. — Bom, algum oceano. Vi uma gaivota.

— Não estamos longe da terra, então — disse Golding.

— Isso é meio que um mito — informou Pynchon. — Gaivotas podem ser encontradas a centenas ou milhares de quilômetros mar adentro.

— Nós sabemos todas essas coisas — falou Dickinson, com a deliberação precisa de alguém expressando pensamentos recém-organizados —, mas não nossos próprios nomes. Claramente temos especialidades e conhecimentos. Portanto, é razoável concluir que fomos colocados neste barco por uma razão.

— Algum experimento doentio — sugeriu Huxley. — Tiraram nossas memórias e nos enfiaram num barco com armas carregadas pra ver o que acontece.

Dickinson balançou a cabeça.

— Não consigo ver um propósito nisso.

— E remover lembranças específicas simplesmente não é possível — disse Rhys, erguendo uma mão à cicatriz e a abaixando de novo. — A memória não reside em uma região exata e distinta do cérebro. Remover a capacidade de lembrar a história pessoal, mas manter conhecimentos e habilidades adquiridas, está além de qualquer coisa que já li em periódicos de neurociência. — Ela fechou os olhos e suspirou. — Ou que penso ter lido. No momento, não consigo me lembrar de um único exame ou consulta com paciente, mas *sei* que já os fiz.

— Conrad talvez soubesse — disse Huxley. — Deve ter tido algum motivo pra fazer o que fez.

— E quem exatamente é Conrad? — perguntou Pynchon.

— Entrada e saída onde esperaríamos que estivessem. — Rhys se agachou para examinar de perto o buraco irregular embaixo do queixo de Conrad. — Queimaduras de contato na derme cercando o ferimento. — Ela recuou do corpo, inclinando a cabeça minimamente na direção de Huxley. — Se foi encenado, é um trabalho convincente.

— Se eu o tivesse matado — respondeu Huxley —, por que o deixaria aqui em vez de só jogá-lo no mar?

— A desconfiança é inevitável nessas circunstâncias — falou Dickinson, o rosto severo enquanto observava o corpo. — E você foi o primeiro a acordar, até onde sabemos.

— Não, *ele* foi o primeiro a acordar. — Huxley apontou com o queixo para Conrad. — Mas tenho bastante certeza de que fomos colocados nos beliches quando tudo isso começou. — Ele ergueu a segunda pistola em sua posse, aquela encontrada em uma cama vazia na cabine de baixo. — Acho que esta era minha. Eu a deixei lá quando

acordei, cambaleei até aqui, talvez seguindo Conrad, talvez não. Não lembro. Só sei que, quando acordei, ele estava aqui.

— Então por quê? — questionou Golding. Ele tinha se posicionado perto do bote inflável, e Huxley notou o cuidado com que o examinava, em busca de sinais de dano. — Será que não lembrar quem era o levou ao suicídio?

— Talvez a reação dele tenha sido mais severa do que a nossa — sugeriu Rhys. — Qualquer que seja o procedimento a que fomos submetidos, é óbvio que foi bem radical, possivelmente até experimental. Faria sentido haver alguns efeitos colaterais inesperados.

— Ou... — Huxley pousou os olhos nas feições flácidas e exangues de Conrad, perguntando-se se haveria alguma expressão ali, um leve vinco nas sobranceiras ou ângulo nos lábios que apontasse para desesperança. Ou talvez o rosto de qualquer cadáver fosse como um teste de Rorschach e ele visse o que esperava ver.

— Ou o quê? — instou Rhys.

— Ou ele lembrava — terminou Huxley. — A operação não funcionou e ele lembrava por que estamos neste barco. Se for o caso, parece que não estava muito animado para a viagem.

— Toda essa especulação é inútil — falou Dickinson. — Só podemos tomar decisões com base no que sabemos. E o mais importante é descobrir onde estamos e qual é o nosso destino. — Ela se virou para Pynchon. — Até agora, só um de nós demonstrou qualquer conhecimento detalhado desta embarcação.

Pynchon estava parado na escotilha, um braço musculoso apoiado no batente, a expressão congelada em concentração cuidadosa. Gesticulando para o céu enevoado e a neblina que flutuava sobre as ondas além da amurada, ele disse:

— Não temos bússolas nem mapas. Podemos estar em qualquer lugar. — Ele parou, balançando a cabeça enquanto a testa se franzia ainda mais, e acrescentou em um murmúrio suave: — É estranho essa neblina ainda não ter se dissipado.



— Se eu pudesse ver o sol — começou Dickinson, semicerrando os olhos para o céu nublado —, tenho certeza de que conseguiria estimar nossa direção. Com base no ângulo da luz, imagino que estamos seguindo uma trajetória oeste. Se a névoa se dissipar até à noite, as estrelas vão nos dar uma estimativa aproximada da nossa posição geral no planeta. — Ela apontou para além da frente da cabine superior. — E os controles?

— Venham ver. — Eles seguiram Pynchon até os assentos acolchoados, onde ele estendeu uma mão e bateu em um painel de aço cinza no centro do painel de controle. — Um barco-patrolha classe Wright é guiado com um joystick e um acelerador que ficariam aqui. Como podem ver, não há nada disso aqui. Este barco está no piloto automático. — Ele bateu os dedos nas telas pretas. — Além disso, não há displays. Não há GPS. Não há bússola. Nem um relógio. Dei uma olhada rápida lá em cima e tem um sensor LIDAR que imagino que possibilite o uso do piloto automático, evitando obstáculos e mantendo uma rota reta, mas não há radar nem antena de rádio.

— Não querem que a gente saiba onde estamos — concluiu Huxley. Pynchon franziu as sobrancelhas em concordância sombria.

— E não temos como mudar de rota.

— E quanto ao bote inflável? — perguntou Golding.

— Não tem motor de popa — respondeu Huxley. — Acho que você deixou isso passar quando estava procurando buracos no casco. Também aposto que, se olhar lá dentro, não vai achar remos. Então, a não ser que queira zarpar nele e boiar pelo oceano até morrer de desidratação, não é uma grande saída de emergência. Alguém está muito determinado a nos manter neste barco.

Um silêncio prolongado se estendeu sobre eles enquanto submergiam em medo ou cálculos. Vendo como cada rosto tendia mais ao segundo do que ao primeiro, Huxley concluiu que, uma vez que a onda inicial de incerteza e terror tinha esmaecido, aquelas pessoas tinham virado um tipo de gente que tem uma resistência arraigada ao pânico.

Até Golding, embora lançasse alguns olhares decepcionados para o bote inútil, demonstrava mais concentração do que estresse. *Fomos escolhidos*, decidiu Huxley. *Selecionados. Todos nós. Não estamos aqui por acidente.*

— Dickinson tem razão — disse ele. — Precisamos estabelecer o que sabemos. Não só sobre este barco, mas sobre nós. Especificamente, quais são nossas habilidades, porque, se estamos procurando motivos para tudo isso, imagino que é aí que vamos encontrá-los.

 Planeta minotauro